



**[ ENTREVISTAS ]**

ΕΠΙΣΤΗΜΗ  
ΚΕΛΣΟΥ



# ENTREVISTA Maria Immacolata Vassallo de Lopes



## UMA ACADÊMICA FÃ

**A vigilante epistemológica fala sobre avanços e permanências no campo da comunicação e sobre ficção televisiva**

Por\_Rafael Grohmann  
Fotos\_Lívia Silva de Souza

Uma aca-fã, ou uma acadêmica que também é fã do seu objeto de estudo. É assim que **Maria Immacolata de Vassallo Lopes**, professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), se define, emprestando o termo do estadunidense Henry Jenkins. Para ela, é preciso fazer um esforço de autoanálise do pesquisador como um sujeito da pesquisa.

**PARÁGRAFO – O livro “Pesquisa em Comunicação” teve sua primeira edição lançada há 21 anos e a tese que originou o livro foi defendida há 27 anos. Para a senhora, de lá para cá, quais foram os principais avanços na área de comunicação do ponto de vista epistemológico, metodológico e até teórico?**

#### **MARIA IMMACOLATA**

**VASSALLO DE LOPES** Olha, parece pouco tempo, mas eu acho que houve um grande avanço. Um grande avanço. Quando eu escrevi aquela tese, tem uma história. Era para ser uma análise daquilo que a gente chama de estado da arte dos mestrados e doutorados das pesquisas sobre cultura popular. Eu já estava muito envolvida nos estudos latino-americanos e achava que era importante fazer uma reflexão sobre a pesquisa em cultura popular, em comunicação. Então, o trabalho é documental, mas fiz amostra, corpus. Muito representativo e tal. E desconstruí. Utilizei, então, um modelo que eu mesma organizei de leitura dessas teses em um tempo que não tinha tudo *on-line* como é hoje. E então, eu consegui fazer esse corpus, mas com todas as dificuldades. E, então, essa tal de desconstrução, chamada leitura interna. Não é re-

sumo, não era uma análise externa, se estava bem ou se não estava bem. Não, era outra abordagem. E isso me deu tanto trabalho, tanto trabalho que no final eu resolvi que a tese ia ser um modelo de leitura e não o resultado sobre a própria leitura.

**Por que?** Primeiro tinha um problema sério de apresentar as leituras. Ia ficar uma coisa gigantesca. Eu tinha até questões operativas: como expor? Que é até um problema metodológico também. Então eu resolvi que, para a pesquisa, era interessante que fosse essa leitura, esse bastidor, coisa que nunca propriamente é revelada. E aí, apareceu o livro, tanto é que eu chamo de metodologia da pesquisa, mas propriamente essa leitura interna é da ordem da epistemologia. Mas o tema não atraía o interesse do campo, ao contrário de hoje, que eu fico muito satisfeita até com o termo epistemologia ter se tornado um grande termo chamativo até de *best-sellers*. Tanto que eu digo que exatamente a questão da reflexão sobre a metodologia era rara, e por isso aquela podia ser uma contribuição. Até eu mesmo me surpreendo dessa questão de ser utilizada e aplicada, tanto é que o livro agora está na 12ª edição e com problemas de distribuição. Muita gente me pede se tem ele pra ser vendido na forma eletrônica e não tem. Mas eu fico contente com a repercussão, porque eu acho que ele pode ser considerado, sim, sem falsa modéstia, precursor. Assim como o trabalho sobre o rádio, que teve menos alcance por causa do tema, também foi uma proposta metodológica. Eu venho com essa proposta para a Comunicação, com essa preocupação com a qualidade da pesquisa. E a qualidade da pesquisa é esse arsenal

interno que você mobiliza. Então, também o trabalho sobre o rádio dos pobres [*Dissertação de mestrado defendida pela autora e que resultou no livro “O Rádio dos Pobres”*], mais do que propriamente falar sobre os programas, era uma organização de arquitetura metodológica. Daí, eu fui desde a sociologia mais dura até a risada do Silvio Santos. Mas isso tá proposto ali. E também o pessoal de rádio acha que, realmente, ele é mesmo de recepção, que alguma contribuição que também é anterior, dos anos 80.

**Mas voltando ao tema da epistemologia. Houve uma maturidade?** Acho que realmente houve uma maturidade, um avanço da maturidade do campo que é quando se interessa pela maneira como o campo trabalha. E esse voltar-se – que é o que eu sempre digo – é uma atitude, é uma reflexão epistemológica. Então houve muitos avanços, tanto que hoje temos GT de epistemologia, livros de epistemologia... Precisamos continuar, porque a coisa evidentemente não pode parar. Quer dizer, eu acho que cada vez mais a polemica se instala. E aí Bourdieu...sou fixada em Bourdieu, que diz assim: “O que é o avanço da ciência? É a permanente polêmica”. A polêmica dentro da ciência é aquela que tem que ser mantida viva, porque é essa que dá os avanços do campo. E a gente não polemiza muito. A gente sabe das diferenças, mas nós não temos os hábitos realmente de discussão que outras áreas podem ter. Mas discussão de oposição e sem perder a elegância. Eu acho que se trata de ter posições firmes e defender. Estamos aprendendo até a polemizar. O campo problematiza pouco entre si, entre autores.

***Acontece também uma redução a uma discussão pessoal?*** Tem isso, e eu acho que sim. Quer dizer personalizar, não é? “Ah, você brigou com ele!”. Não é isso, absolutamente. Eu vou te dizer uma coisa que estou percebendo mais atualmente. Além da questão epistemológica propriamente dita, existe uma área dentro da comunicação que é da história. Entretanto, e entre nós, está se fazendo muita coisa com história, mas história do que? História dos meios e não história do campo. Quando a gente sabe que a história do campo é uma dimensão da epistemologia. “Não, você está fazendo sociologia da ciência ou história da ciência”. Não, como é que você pode deixar, internamente, de perceber as coisas como vieram ou onde você está? Eu estive agora em um congresso onde me chamou muito a atenção às discussões interessantíssimas de um GT que era história da comunicação. *Communication History*. É história do campo e não dos meios, ou história do rádio, da televisão ou com as coisas que houve propriamente com o meio. Não. Eu participei inclusive da formação de uma dessas coletâneas internacionais, que é aquela coisa você se encontra na América-latina, com Portugal, Espanha, e cada um falando da história da pesquisa no país. E acho que isso é interessante, em termos internacionais, porque quem dá essa história é sempre a história da comunicação dos estudos nos Estados Unidos ou na Europa. Cadê a epistemologia do Sul? Mas a gente está andando nisso, eu acho que essa é uma coisa importantíssima fixar entre nós: a história do campo.

***Quais são os nossos próximos desafios enquanto campo? Ou, o que ainda permanece e precisa avan-***

***çar?*** Enquanto epistemologia é uma coisa interessante e que ainda perpassa essa questão de o que é a comunicação, sem essas pechas: “esse é um estudo de sociologia da comunicação, de psicologia da comunicação e não de comunicação”. Eu acho, de fato, que, onde eu estou, a gente tem que tirar esse “de”. Eu sou a favor das interfaces, mas tudo o que é conectivo dentro da comunicação precisamos mirar, focar. Quando se fala “e” e “de”, eu acho que a gente escorrega na nossa pesquisa. Ou seja, o que eu quero dizer? Todo mundo falou, e até eu nos anos 1980, que o ponto de vista cria o objeto. Essa fase, que é do Poincaré, um filósofo da ciência, eu acho que resume. Você está fazendo o que? Essa questão do ponto de vista comunicacional é o que a gente ainda... porque se cruza muito com a questão da defesa de fronteiras. Estão querendo outra vez colocar a questão das fronteiras disciplinares para comunicação? Você entendeu? A gente sempre atravessou fronteiras. É transdisciplinar a comunicação, é uma disciplina transdisciplinar, é uma contradição absurda, porque você vai chamar uma transdisciplina como sendo uma disciplina. Porque, entre nós, no Brasil, a palavra Comunicologia não pegou? Há de se pensar, porque não é apenas meramente uma questão de nomenclatura. Não, aqui a gente chama comunicação, se você colocar ciência da comunicação então é a ciência, é o campo. Que estuda o que é a comunicação. Isso parece mesmo o que eu falo: existe mesmo uma redundância aí, muita coisa se confunde. Você chama a ciência de comunicação e o objeto de comunicação. Aí os nossos colegas latino-americanos, há muito tempo, fazem a distinção entre: comunicação, comunicador... O

estudioso de comunicador é um comunicólogo e o comunicador é o profissional. Você fixa o que na Comunicologia? O sufixo logos, que é como a sociologia. Mas isto não pode ser uma discussão nominativa Isso pra mim diz muito bem das nossas querelas e condições. Mas eu acho que a gente tem avançado nisso. Há aqui um ponto de vista comunicacional: como é que eu o construo esse ponto de vista comunicacional dentro do meu tema? De forma que eu possa dizer que: “este trabalho nunca poderia ser defendido na psicologia”. Porque lá eles trabalham com comunicação também, mas de um ponto de vista psicológico. Então a psicologia já tem o tal logos, que eu estava falando do sufixo. É assim que acho que a gente pode hoje transitar nesta questão onde tudo se cruza e dizer assim: “olha, isto é comunicação”. E daí quando você fala assim: “eu sou da comunicação”, pergunta-se “O que você faz na comunicação?” Mas não em termos profissionais, porque esse avançou muito. Se você fala: “sou publicitário”, não tem discussão.

***Mas para Maria Immacolata Vassallo de Lopes, o que é comunicação? Enquanto conceito...*** Eu acho que isso não dá pra responder assim. Não é para responder assim. É aquela questão *gestáltica* que eu sempre gosto, então sempre tem dimensões, layers, camadas... Nada daquela coisa: “é isso!”. Então é muito mais interessante, tanto como no meu modelo... Eu dizia assim: “Olha, você têm desde o estudo da comunicação – e quando você fala “estudo da comunicação” vem todo essa questão da história, dos paradigmas e dos autores –, até o ensino da comunicação e depois a prática da comunicação, onde você vai para



# Mediação é uma coisa latino-americana. Midiatização não é. A midiatização está dentro da mediação ”

as profissões. Quando a gente fala comunicação não é que eu queira dizer: “olha, eu só posso falar de comunicação se eu tiver trabalhado em rádio”. Mesmo que você não tenha trabalhado em rádio, há tanta cultura sobre o rádio, observar isso com outros olhos porque você é comunicação e não é como qualquer ouvinte. Isso tudo te dá uma percepção. É uma natureza muito particular do lugar de onde você está falando. E a formação dessa pessoa também: “fiz psicologia na graduação, o mestrado em letras, o doutorado em comunicação e ele é um cara de comunicação”. E eu posso muito bem falar disso porque eu transitei – aquela coisa nômade –, mas eu me fixei na comunicação, em uma escola de comunicação, a partir do mestrado. Sabe quando fez sentido o que eu falei: “estudo, ensino e prática”? É quando a pessoa fez comunicação na graduação, no mestrado e no doutorado. Olha, essa pessoa tem bônus e ônus. Esse ônus, ela pode perfeitamente superar fazendo essa interdisciplinaridade. E isso mostra bem a da complexidade e a contemporaneidade da nossa área. Do saber contemporâneo. Não é fácil fazer nem um trabalho bi disciplinar entre nós. A gente está em uma profissão que diz: “esse trabalho é multidisciplinar, eu vou fazer uma pesquisa transdisciplinar”, e fica apenas no discurso.

*Foram aprovadas as diretrizes na-*

*cionais curriculares para os cursos de jornalismo, relações públicas e, está em andamento também o de publicidade. O que você acha dessas diretrizes nacionais curriculares específicas para esses cursos para a formação dos profissionais comunicadores? Isso foi uma decisão política que ganhou. E que outros não souberam trabalhar. Então não vou dizer contra. Porque se o campo é um campo de forças, alguma hora ia aparecer alguém e dizer assim: “Olha, eu quero que o audiovisual que seja o audiovisual e jornalismo jornalismo”. A palavra comunicação some. Como é que no exterior, eles não jogam a palavra comunicação fora? Eles falam *communication and media studies*. Pelo menos você tem comunicação junto com as mídias, que é isso aí. Mas, aqui, tiram as mídias com essas edições de currículo. Então, você tira as habilitações. Eu entendo assim, inclusive dentro do campo: você tem a competência da tal autoridade. Então, você é um intelectual tem a competência sobre seu objeto de estudo, ponto acabou. Com a sua competência sobre seu objeto de estudo, você também é reconhecido por isso, e passa a também ganhar lugares de consagração. Você se torna coordenador de mestrado de onde você está por causa do que você faz, é claro. Daqui a pouco, você é representante de área, ganha um prêmio de melhor tese... Todas*

essas coisas que são reconhecimentos sociais da ciência dentro do próprio campo. Isso é fazer um nome. Em todo lugar, quem é quem? Todos são iguais? Todos tem esse poder dentro da área? É claro que não. É algo hierarquizado. Agora, qual é o grande problema? É quando essa dimensão da política social do poder dentro do campo se descola do saber e começa a se descolar. E eu acho que tem gente muito boa envolvida, mas que não está percebendo isso. Ou seja: o que é esse deslocamento? É quando não tem nada epistemológico que está pedindo isso, nada de metodológico e nem histórico. Então, teoricamente, a gente fala de convergência, e no caso do ensino, a gente vai falar de divergência. Eu não sei como é possível fazer uma história do audiovisual sem a história da comunicação do campo. Eu realmente não sei. Os currículos passam a não ter mais a palavra comunicação, como eu já vi. Isso eu não estou inventando, eu já vi. É uma espécie de ojeriza, sabe assim? Alguma coisa de batalha do campo. Nessa Escola, o Departamento de Comunicações e Artes (CCA) [Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA-ECA-USP), de onde é professora] sempre esteve tão na mira porque ali era o básico. Sabe essa ruptura “teoria e prática”? Quando você fala sobre o básico, ima-



gina-se que isso seja voltar nos anos 1970. Claro que, da maneira que aquilo foi feito, você entrava em uma carga teórica e depois você vai para a prática e nunca mais volta para aquilo. Que ideia é essa? Então, há um mau entendimento sobre o que é o saber: “ou é teórico ou é prático”.

*Como nós podemos pensar temas novos, ou nem tão novos assim, mas que tem tido certo protagonismo nos debates do campo, por exemplo,*

*os estudos de fãs, convergência, midiaticização, sem perder a especificidade da tradição latino-americana, dos estudos latino-americanos em comunicação e das epistemologias do sul?* Sem querer sem muito dura em uma entrevista, mas eu acho que há de se posicionar em função de uma posição que eu tenho. Mediação é uma coisa latino-americana. Mdiatização não é. Porque a mdiatização está dentro da mediação. Então essa coisa de “mdiatização ou mediação” não

se coloca, apesar de alguns insistirem, acharem que tem até coisa nova. Eu não sei o que tem novo quando se diz: “hoje em dia, como nunca, os meios mudaram as coisas”. Sempre nós soubemos disso. A mdiatização sempre ocorreu sem ela se descolar do conjunto de outras coisas que é a mediação, porque se você não colocar isso de uma forma adequada, vai cair outra vez em um determinismo midiático. Um determinismo midiático mesmo. Isso eu aprendi em algum momento com alguém que me foi muito importante, o Gabriel Cohn. Era a questão de como os americanos colocavam o problema da opinião pública. Afinal de contas aquilo seria assim: a comunicação e os meios. Então, ele discute com Robet Merton, com Talcott Parsons, para dizer que isso daí ou dava em um determinismo ou dava em uma circularidade que não tinha sentido. Porque essa circularidade tem pesos e fatores. As mediações tem peso. Porque as mediações permitem isso: dar pesos às mediações. E aí as epistemologias do sul. As classes sumiram? A gente tem que ler David Morley para se convencer de que as classes continuam aí? No fundo, os meus mestres me deram certas sementes para eu conseguir me manter ou organizar esse ponto de vista que é um. Eu não quero dizer que todo mundo tem que ser assim, e aí é uma questão de debate. Então, respondendo claramente a você: sim, tradição latino americana, tudo a ver com as mediações. Essas mediações, que o próprio Jesús Martín-Barbero diz que são culturais, agora tem um ponto de vista comunicacional. Não que a gente vai deixar de falar da ordem da cultura. As mediações comunicacionais são culturais. Mas o que tem no gênero de comuni-

cacional? Você tem uma matriz cultural, que é o melodrama, aí você vai e diz: “bom, é uma mediação, uma matriz cultural. Uma mediação cultural”. Ora se você não colocar o que essa matriz cultural tem de comunicacional, fica numa discussão sobre folhetim. E o folhetim serve para Letras, para a História. Então o que a gente tem de comunicacional nisso é ver como é que o rádio, que é um meio de comunicação, se apropria e não apenas na linguagem. Ai tem que entrar em uma coisa que é muito contemporânea, que é a empresa radiofônica. Lá dentro tem quem manda, quem não manda. Uma cultura. A cultura que existe na Globo não é a cultura que existe na Televisa, que a gente chama de uma cultura empresarial. Da empresa. Você está entendendo quantas mediações você tem que colocar?

*E a questão dos fãs?* Para mim, os fãs, e aí eu realmente posso dizer pelos trabalhos que eu faço, é herdeira direta e dos estudos de recepção, e talvez sua atualização. Há que desconstruir o termo fã, algo que entre nós nunca aconteceu. Como é que você vai chamar isso? Fanático? Admirador? Por que não a palavra fã? Você entendeu como tem que desconstruir e reconstruir? Mas a gente está indo numa ordem de coisas em relação ao que se chama de trabalho do fã. Você quer algo de um receptor mais ativo do que o ativismo na rede? Como é que você vai chamar isso? “Ai, é uma coisa estranha chamar isso de fã”. É, parece estranho, mas existe o fã político, porque parece que fã é só de celebridade, né? É de curto alcance essa visão.

*E como a gente pode pensar esses*

*temas e termos como transmídia e convergência a partir da nossa realidade e não só importando o que vem de fora?* Olha, isso você levanta uma coisa muito interessante que é, pra mim, algo feito sem pensar: a seleção de autores. O que você conhece desse autor para usá-lo? A questão de como você se apropria, a questão de como ele te é útil. A palavra transmídia vem do *storytelling*. Portanto, o trans significa algo de uma narrativa que anda, e nem é propriamente da literatura. Então, eu não vejo, de fato, problema em usar a palavra transmídia. É que nem transdisciplinar, você ouvia dizer que: “tem aquele autor que trabalhou muito bem a diferença entre interdisciplinar e transdisciplinar”. Ótimo, então está me servindo. Se acrescenta, tudo bem. Esse fenômeno sempre tem. Já aconteceu com o Umberto Eco. Isto é, os tais *best-sellers*. Com Bauman e também o Jenkins. Agora, porque um é europeu, o outro americano, isso é a maior bobagem. Eu acho muito interessante o que o Jenkins fala de “aca-fã”.

*Aca-fã?* Quer dizer, eu sou uma acadêmica fã. Antes, eu sou fã. Eu gosto, eu vejo, e aí eu tenho um outro olhar ao discutir, por exemplo, o cosplay. Porque as pessoas ainda separam o que a pessoa estuda do que ela é. Então, eu vou dizer assim: “eu fui MC e depois eu começo a trabalhar com música academicamente”. Aí alguém vai dizer o seguinte: “ah, mas imagina, ela vai defender um doutorado e faz uma performance antes”. Quando a gente começou a trabalhar com telenovela aqui na ECA-USP, com as professoras Maria Aparecida Baccega, Maria Lourdes Motter, Solange Couceiro, a gente tateava em tudo e descobriu o Jorge González, que

trabalhava com telenovela de uma maneira muito heterodoxa. E essa heterodoxia a gente descobriu quando o convidou para um seminário. Ele entrou e começou a cantar a entrada de uma novela mexicana. Claro que, se ele estivesse no México, todo mundo ia identificar que aquilo ali era a abertura de Maria do Bairro. E aquilo ali surpreendeu tremendamente. O Jorge Gonzalez já falava da questão da estrutura do gosto dentro de uma família e também a questão do fã, como você passa a gostar de uma coisa. O que ele queria dizer? Antes de eu estudar isso aí, eu gosto de telenovela. E aí foi como a gente se assumiu como noveleira. Era aquilo que a gente tinha em comum, não só a importância que dava. A gente gostava, mas olhava de uma maneira de quem está estudando. Mas não quero perder um capítulo, principalmente quando é alguma coisa como a novela “Avenida Brasil”, que você não pode piscar os olhos. Você é um sujeito da pesquisa, é preciso fazer uma autoanálise.

*Historicamente, a senhora tem falado como a telenovela é uma narrativa da nação. gostaria que falasse um pouco sobre como fica essa narrativa da nação nas telenovelas atuais, em tempo de Netflix, com a popularização cada vez maior dos seriados no Brasil, inclusive alguns produzidos aqui.* Eu resolvo isso de uma maneira muito clara quando eu falo de formatos. Ao falar que a telenovela é narrativa da nação, acho que ninguém percebeu que eu falei que o romance é a narrativa da nação tradicionalmente da Europa, e o cinema, dos Estados Unidos. A telenovela latino-americana é a apropriação, a indigenização, para dizer um conceito do Appadurai, e eu falo abramileiramento da telenovela, resultando



no Brasil na narrativa da nação. É a questão do imaginário, que é da comunidade imaginada e que pra mim serve muito em função da grande importância do meio de televisão no Brasil e que vai moldando o caráter nacional, a identidade nacional, entre tantas outras coisas. Agora, nessas séries da Netflix, não se reúne todo mundo na sala sentado no sofá e assistindo tudo ao mesmo tempo ao vivo. Mas isso não se perde em nada.

***O Raymond Williams já falava da privatização móvel.*** Hoje você vai pra rede e lá você forma sua comunidade, como também você tinha o hábito de falar com sua amiga ou a própria mãe. “Ah, mas agora eu assisto em qualquer lugar, o tempo que eu quiser”, um pouco do que o Mario Carlón fala na Argentina, mesmo o Carlos Scolari. Eu acho que é preciso



verificar. Quando você tem *House of Cards*, ou *Orange Is the New Black*, que paradigma tem atrás? Você já não viu *Todos os Homens do Presidente*? E quantos gêneros que não falam de prisão? É claro que nunca os imaginários andaram tanto. Mas a gente – eu sou da época da cinefilia e ainda sou –, os imaginários para mim sempre andaram. Talvez os imaginários, como eu disse, nunca andaram como hoje e nem tantas pessoas diferentes tiveram acesso. Isso que eu acho que é importante. Por enquanto, eu não tenho visto como estas novas andanças tiraram essa ideia da narrativa da nação. Não vou poder dizer da contaminação no caso dos formatos, que são uma das mediações



de Jesús Martín-Barbero, quando se cruza o gênero com a indústria. O formato é uma apropriação, essa indigenização. Então isso está sendo feito pela Netflix, pela HBO.

***Quando vai para Avenida Brasil é outra coisa, né? Avenida Brasil já é uma contaminação das séries do mesmo ambiente. Claro que é Norte-Sul. Vai dizer do Sul para o Norte? Do Sul pro Norte a coisa está indo pela comunidade latina que gosta de telenovela e das séries, que também aparecem lá, em***



# E quanto mais realidade tiver melhor, porque, caso contrário, a pessoa vai assistir a novela das seis que é mais açucarada ”

espanhol. Agora, como é que se mantem isso de primeira geração, segunda geração. Há a questão das fronteiras. A gente não tem isso. Poderíamos ter se Paraguai, Argentina, Uruguai, fossem Miami aqui para o Brasil. Porque Miami está dentro de um lugar que tem HBO, tem Disney e tem Netflix.

**E as séries brasileiras?** A Globo tem feito cada vez mais series, a Record também. Então, “isso é serie americana, estamos copian-do”? Mas como você vai jogar fora toda a teledramaturgia que teve aqui? Isso é um absurdo, dizer que “agora é a influência americana aqui”. Não, é uma nova maneira de contar história. Se, na novela, conta-se em 180 capítulos diários, agora você vai contar em uma temporada que vai ter 12 episódios. Esse é o formato. Continuam os mesmos atores e autores. E há também a questão da internacionalização. O cinema já nos mostrou isso. Quando você vai lá, o diretor é mexicano, fez o filme no Estado Unidos, que fez uma coprodução com Dinamarca, Espanha, etc. Cada vez mais, a gente precisa entender desses mecanismos inclusive das coproduções. Vai ficar cada vez mais universal? a ideia é essa? Quer dizer, ele vai

ser entendido por gregos e troianos? Vai estourar? Vai ser uma coisa com chineses, norte-americanos, sul-africanos e brasileiros? Isso é o ideal para essa indústria. Há, por exemplo, o fenômeno colombiano *Betty, a Feia*, que chegou até a China. E os outros colombianos que vieram na mesma esteira de que *Betty, a Feia*? Não dá para saber de antemão o que dá certo ou não. Ai você ouve o diretor de *Game of Thrones*: “eu nunca pensei”. Aquela autora do Harry Potter, “nunca imaginei o sucesso”, como aquela surpresa. O primeiro grande sucesso internacional do Brasil foi *Escrava Isaura*. Depois, começou a ficar mais comum vender pra mais de 100 países. E a gente nem se dá conta. E mesmo o sucesso de *House of Cards* e *Orange is the new black* quando todo mundo apostava em *Girls*, que seria um *Sex and the City* renovado, e que não aconteceu. A história certa no momento certo que foi a *Avenida Brasil*. A história certa no momento certo, e a gente tem essas coisas. *Roque Santeiro*, história certa no momento certo...

**Vale tudo...** Pra mim são os três. Pegando os grandes, *Rei do Gado...* mas é porque o Brasil

estava vivendo certa inflexões... Você não tem como fazer uma peça ficcional realista de seis meses. E quanto mais realidade tiver melhor, porque, caso contrário, a pessoa vai assistir a novela das seis que é mais açucarada. Outra coisa: há de se voltar para a produção brasileira na TV a cabo, que até agora era só internacional e agora, dialeticamente, voltam os grandes players internacionais fazendo coprodução. Quer dizer, primeiro você só via coisa da Fox e tal – é claro que tem até tem realitys de cozinha, decoração – mas estou falando da ficção. Era difícil uma produção nacional entrar na TV a cabo. As primeiras foram *Mandrake*, *Filhos do Carnaval* e *São Paulo 9mm*. Isso tem a ver com o que? Com a Lei do Cabo, que exigiu produção nacional qualificada e em horário nobre, para não ser jogada de madrugada ou de manhã. Isso fez todos os países do OBITEL ficarem de queixo caído com uma resolução assim no Brasil. Isso é política de comunicação. Então, isso tudo mexe a indústria. Aprendemos a fazer series. Apesar disso, uma das coisas mais gloriosas e admiráveis da televisão brasileira foram as series brasileiras dos anos 70: *Armação Ilimitada*, *Carga Pesada*, *Malu Mulher*,

*Plantão de Polícia*. A gente tem series aí e nunca deixou de fazer series. Eu acho que a questão não é nem de serie ou minissérie, mas de formato curto. Então eu estou interessada na serialidade curta. Nós temos uma tradição de que? De serialidade longa. Na Itália, era o contrário. A Itália não sabe fazer histórias longas. Isso eles começaram a fazer nos anos 2000 e chamaram de soap opera. A Itália sabe fazer minissérie. Sabe o que é uma minissérie? É uma história dividida em dois ou três capítulos, no máximo. Para eles, minissérie é isso. E aí a questão: o que é essa curta serialidade em um país com longa serialidade e que faz curta agora. Entretanto, isso não é rápido porque a telenovela é uma instituição nacional e ninguém mexe nela. Mas também já foram feitas telenovelas mais curtas. Essa novela das 23h é mais curta. Agora isto é telenovela, com capítulos. Agora, as series, com episódios, a gente vai ver. Por exemplo, *Dupla Identidade*, que é uma das coisas que mais mexeu e é uma ótima minissérie, até a própria Globo perguntou “isso é serie ou minissérie?”. A série norte-americana é uma vez por semana. Então, tem o canône, e depois você bagunça. Mas a questão é como contar as histórias.

**Quais pontes que a senhora faz entre suas preocupações epistemológicas e metodológicas com os estudos de telenovela?** A ponte entre minhas preocupações epistemológicas e metodológicas com os estudos da telenovela vem através do que é o Observatório Iberoamericano de Telenovela (OBITEL). O que chamamos hoje de *big data* é o que me levou a exatamente para essa questão do observatório, fazer coisas mais amplas nacionais

e com tendências de uma em que o fundamento do mercado está junto com a questão da narrativa da nação. Então, foi através de pensar como o observatório, metodologia do observatório, reunir campo aqui no Brasil com outros países ibero-americanos, não só na América-latina, mas como Portugal e Espanha e fazer esse trabalho que está fazendo 10 anos. Então, eu posso dizer que eu vou lá e nunca perco o interesse metodológico, epistemológico, nesse trabalho do OBITEL **P**



As autoras Borelli, Silvia Helena Simoes; Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; Resende, Vera da Rocha imprimiram ao trabalho um espírito multidisciplinar, permitindo um exercício constante de reflexão e integração. A pesquisa se propôs a testar na prática o modelo das mediações: a partir do cotidiano familiar, da subjetividade, do gênero ficcional e videotécnica, os autores empenharam-se em detectar, analisar e interpretar processos e práticas de recepção de uma mesma telenovela em quatro famílias de condições socioeconômicas distintas. multimetodológica, baseada na teoria das mediações.  
 Editora: SUMMUS 2002



**Epistemologia da Comunicação** reúne estudos teóricos de autores nacionais e estrangeiros que contribuem com os debates sobre o campo da comunicação nos dias de hoje.  
 Editora: PUC-Rio e Edições Loyola



Coleção: Educação Popular  
 Editora: Loyola  
 Ano: 1988



Um livro sobre a metodologia da pesquisa em comunicação. Simultaneamente ao esclarecimento de algumas das características principais da comunicação, esclarece os lineamentos básicos de sua metodologia de pesquisa. Como nos ensina este livro, toda pesquisa científica sobre comunicação apóia-se necessariamente na definição do tema, ou do objeto, continuando na coleta e sistematização dos dados colhidos. E desenvolve-se com a descrição de situações e relações, bem como de variáveis e fatores.  
 Editora: LOYOLA 2005